



**RESENHA DE VARGAS, JEAN. VÁRIOS
MODOS DE DIZER O NADA: KIERKEGAARD
E OS CAMINHOS DO CAOS**

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2025.213.08>

Walisson Oliveira Santos

Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e Doutorando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

prof.walissonoliveira@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3907-4763>

RESUMO:

Esta resenha apresenta a obra *Vários modos de dizer o nada: Kierkegaard e os caminhos do caos* (2024), de Jean Vargas, que propõe uma releitura da filosofia de Søren Kierkegaard sob a ótica do niilismo. Estruturado em três capítulos, o estudo examina temas como o vazio existencial, a ironia e a crise da subjetividade no pensamento kierkegaardiano, estabelecendo um diálogo crítico com o idealismo hegeliano e o romantismo alemão. Salienta-se a originalidade da interpretação de Vargas, ainda que sua noção de “anacronismo controlado” possa suscitar discussões quanto à pertinência da categoria de niilismo para uma análise do corpus kierkegaardiano.

PALAVRAS-CHAVE:

Søren Kierkegaard. Niilismo. Filosofia.

REVIEW OF VÁRIOS MODOS DE DIZER O NADA: KIERKEGAARD E OS CAMINHOS DO CAOS

ABSTRACT:

This review examines *Vários modos de dizer o nada: Kierkegaard e os caminhos do caos* (2024), by Jean Vargas, which proposes a reinterpretation of Søren Kierkegaard's philosophy through the lens of nihilism. Structured in

three chapters, the study explores themes such as existential emptiness, irony, and the crisis of subjectivity in Kierkegaard's thought, establishing a critical dialogue with Hegelian idealism and German Romanticism. The review highlights the originality of Vargas's interpretation, although his notion of "controlled anachronism" may raise debates regarding the relevance of the category of nihilism for an analysis of the Kierkegaardian corpus.

KEYWORDS:

Søren Kierkegaard. Nihilism. Philosophy.

Vários modos de dizer o nada: Kierkegaard e os caminhos do caos, de Jean Vargas, oferece uma análise relevante dos estudos sobre Søren Kierkegaard no Brasil, propondo uma leitura do filósofo dinamarquês sob a perspectiva do niilismo. Publicada em 2024 pela editora Dialética, a obra resulta de sua pesquisa de doutoramento, defendida em 2021 na UFMG¹, e caracteriza-se pela consistência acadêmica e pela abordagem interpretativa.

A singularidade da obra reside na análise existencial do pensamento kierkegaardiano, que aborda o niilismo² de maneira a antecipar questões que seriam posteriormente tratadas de forma explícita por filósofos como Nietzsche, Dostoiévski e Heidegger. Vargas defende que, embora Kierkegaard não utilize diretamente o termo “niilismo”, sua obra reflete uma atenção ao vazio, à ironia e à crise da subjetividade moderna, aspectos que formam uma espécie de “gramática do nada” em sua filosofia. Entretanto, o que diferencia a proposta kierkegaardiana é, segundo Farago (2011), o paradoxo da fé, a presença de Deus e o salto existencial, elementos que não podem ser conciliados com uma visão puramente niilista, já que sua filosofia busca a superação da crise existencial por meio da afirmação da fé e do absurdo.

O referido livro é organizado em três capítulos, cada um abordando diferentes aspectos da relação entre Kierkegaard e o niilismo.

No primeiro capítulo, “Temor e tremor”, Vargas apresenta as bases para sua investigação das conexões entre Kierkegaard e o niilismo, embora o dinamarquês não utilize diretamente o termo no século XIX. O capítulo inicia com uma análise do conceito de “nada”³, demonstrando como ele surge de forma indireta, mas fundamental, em conceitos como a angústia, o desespero e a ironia. Vargas argumenta

¹ Intitulada “Vários modos de dizer o nada: as figuras niilistas de Kierkegaard entre a filosofia e a literatura”.

² Corrente filosófica que nega ou questiona o valor, o sentido e o propósito da vida, da moralidade, da verdade e da existência (Pecoraro, 2007).

³ Vargas destaca a complexidade de se falar sobre algo que, por definição, é a ausência de ser. O autor observa que “quando pensamos sobre o que é o nada, parece que estamos a representar mentalmente a ausência de alguma coisa, uma vez que na linguagem, o nada funciona como um substantivo, ao denotar a não existência, o não ser, o conjunto vazio” (Vargas, 2025, p. 26). Além disso, ele aponta que “o problema filosófico que nos faz, já de saída, patinar ao lidar com o nada, é que na medida em que nos interrogamos acerca do que ‘o nada’ é, acaba que implicitamente estamos a pressupor que ‘o nada’ em questão, de alguma forma, seja” (Vargas, 2025, p. 26).

ainda que, embora o niilismo tenha sido formalizado como corrente filosófica posteriormente, Kierkegaard já reconhecia sua presença como uma força subjacente na cultura e no pensamento de sua época.

Há, também, um diálogo entre o pensamento de Kierkegaard e duas correntes filosóficas predominantes: o idealismo hegeliano e o romantismo alemão. Por um lado, Hegel propõe uma racionalidade totalizante que, ao buscar explicar a totalidade dentro de um sistema, acaba por anular a singularidade da experiência concreta. Por outro, os românticos, ao exaltarem a ironia e a fragmentação, desabam em um relativismo que também nega o sentido. Nesse contexto, Kierkegaard se posiciona entre esses dois extremos: o determinismo excessivo do pensamento hegeliano e o niilismo implícito no culto romântico à indeterminação.

O título do capítulo — “Temor e tremor” — faz referência direta à obra homônima de Kierkegaard, mas Vargas o ressignifica, trazendo-lhe uma nova interpretação. Se, no original, a expressão remete ao dilema ético e religioso de Abraão diante do sacrifício de Isaac, aqui ela simboliza a atitude diante do vazio existencial. O “temor” é associado à consciência do “nada”, enquanto o “tremor” representa a coragem de enfrentá-lo sem recorrer a ilusões metafísicas ou escapismos românticos. Nesse contexto, o capítulo não somente apresenta o “mapa” conceitual que será desenvolvido ao longo do livro, como também antecipa a tese central de Vargas: em Kierkegaard, o niilismo não é visto como um fim em si, porém como um método interpretativo que possibilita a compreensão da crise existencial como uma fase de transformação.

Já no segundo capítulo, “Angústia”, Vargas passa a examinar o pensamento existencial de Kierkegaard para analisar como o filósofo utiliza o “vazio” e o “nada” como utensílios para compreender a típica condição humana. O título faz referência à obra *O conceito de angústia* (1844), na qual explora-se a “vertigem da liberdade” (Kierkegaard, 2010, p. 66). Vargas expande essa discussão, argumentando que a “angústia” seria uma porta de entrada para uma fenomenologia do niilismo, antecipando abordagens posteriores.

O capítulo inicia com uma referência shakespeariana: “Haveria algo de podre no reino da Dinamarca?”. Essa citação, de *Hamlet*(1623), serve como um espelho para Kierkegaard, sugerindo que ambos diagnosticam a crise espiritual de suas respectivas épocas. Enquanto Hamlet reconhece a decomposição moral na corte dinamarquesa, Kierkegaard observa o vazio existencial por trás das certezas da sociedade burguesa do século XIX.

Uma das passagens mais significativas do capítulo é a análise da influência de Paul Martin Møller, professor de Kierkegaard. Vargas destaca como as reflexões de Møller sobre mortalidade e ironia

contribuíram para a formação das bases da angústia kierkegaardiana. Contudo, é importante observar que o “nada” em Kierkegaard não deve ser entendido como um vazio sem conteúdo, mas como o objeto da angústia, conforme discutido em *O conceito de angústia* (p. 67). Para Kierkegaard, o “nada” carrega um significado existencial, sendo a própria angústia o enfrentamento desse vazio, que, embora represente a perda de sentido, também contém a possibilidade de um novo começo. Portanto, a afirmação de Vargas, que sugere que o “nada” tenha surgido do diálogo entre gerações, deve ser ponderada pela compreensão de que, para Kierkegaard, o “nada” é uma presença com conteúdo significativo; é o que gera a angústia, mas também o caminho para a descoberta da liberdade e da autenticidade.

Vargas também explora como Kierkegaard radicaliza o conceito de “nada” em relação aos românticos. Enquanto poetas como Friedrich Schlegel viam o vazio como um motivo para celebração estética, Kierkegaard o entende como um desafio ético e existencial. A principal contribuição do capítulo é mostrar que, para Kierkegaard, o “nada” não é algo a ser superado, mas a própria condição que possibilita a liberdade humana. O “nada” é o ponto de partida para a reflexão sobre a existência, a liberdade e a escolha. Como Vargas observa, a angústia é o preço que pagamos por não sermos meros autômatos, sugerindo que, em Kierkegaard, a angústia é uma marca da nossa capacidade de agir autenticamente no mundo.

No desfecho do capítulo, o autor faz considerações que entrelaçam filosofia, teologia e literatura ao abordar o indizível. Vargas sugere que essa combinação de gêneros não é apenas uma escolha estilística, mas uma necessidade — afinal, como capturar o “nada” apenas com conceitos filosóficos? Nesse contexto, a literatura não se apresenta como um adorno, mas como um método essencial para explorar os “abismos” da subjetividade. A ironia, ao desestabilizar e desconstruir definições conceituais, torna-se uma ferramenta categórica nesse processo. Ela permite uma abordagem que desafia as limitações dos conceitos, criando espaço para o que não pode ser dito diretamente, mas apenas insinuado nas entrelinhas da linguagem.

No terceiro e último capítulo, “Migalhas de ironia”, Jean Vargas realiza uma análise da dissertação de Kierkegaard — *Sobre o conceito de ironia*: constantemente referido a Sócrates (1841) —, mostrando como o filósofo transformou a ironia de um simples recurso retórico em uma ferramenta para examinar a crise existencial moderna.

Vargas inicia demonstrando como Kierkegaard interpreta a ironia em seu sentido mais radical (*ironia sensu eminentiori*), não como uma simples figura de linguagem, mas como uma postura existencial que mina os alicerces da realidade. Uma das teses do autor é que a ironia kierkegaardiana funciona como um ácido que corrói as certezas postas, revelando o vazio por trás das construções sociais

e filosóficas. No entanto — e este é o ponto central da análise de Vargas — Kierkegaard não celebra essa desconstrução infinita, como os românticos; ele a vê como um estágio necessário, mas perigoso, no caminho para uma existência autêntica.

Vargas estabelece uma diferenciação entre o sujeito irônico e o herói trágico. Embora ambos compartilhem a consciência do absurdo, o ironista kierkegaardiano difere do herói trágico por sua recusa em engajar-se em qualquer narrativa de sentido. Essa figura, segundo Vargas, é o protótipo do niilista moderno — aquele que, ao perceber as ilusões sociais, escolhe permanecer no vazio em vez de dar o salto para a fé ou para a decisão ética.

A “essência” do capítulo reside no contraste que Vargas traça entre Kierkegaard e os românticos alemães — Schlegel, Ludwig Tieck e Solger. Enquanto Schlegel transforma a ironia em uma ferramenta de libertação contra as estruturas rígidas da sociedade, Tieck a reduz a um mero “jogo estético”, e Solger tenta reconciliá-la em um sistema dialético. Vargas mostra como Kierkegaard, embora influenciado por esses pensadores, os ultrapassa ao recusar tanto o rito romântico do vazio quanto qualquer tentativa de sistematizá-lo.

O mérito deste capítulo está na maneira como Vargas articula a ambiguidade da ironia em Kierkegaard: ela é simultaneamente sintoma da doença niilista moderna e potencial antídoto contra ela. Ao desconstruir as falsas certezas, a ironia prepara o terreno para o que Kierkegaard chamará mais tarde de “salto da fé”⁴ — não como fuga da razão, mas como uma decisão tomada na plena consciência do abismo.

Em outro momento particularmente relevante de sua análise, Vargas sugere que a crítica kierkegaardiana ao niilismo romântico antecipa em décadas a famosa diagnose de Nietzsche sobre a “morte de Deus”. Contudo, enquanto Nietzsche a vê como uma oportunidade para criar novos valores, Kierkegaard — como aponta Vargas — insiste que o “nada” não pode ser um destino final, mas apenas uma estação de passagem.

Ao final do capítulo, o leitor comprehende por que “migalhas de ironia” é fundamental para o argumento geral do livro: ele revela Kierkegaard não apenas como um crítico do niilismo, mas como seu analista mais profundo — aquele que soube mapear seus perigos, mas também seu crivo transformador. Em uma era como a nossa, em que a ironia se tornou moeda corrente e o ceticismo radical muitas vezes serve como álibi para a inação, o pensamento de Kierkegaard oferece um olhar crítico sobre a crise contemporânea.

⁴ A esse respeito, vale a interessante contribuição do artigo “Søren Kierkegaard: a mediação e o paradoxo do ‘salto da fé’” (2019), de Rogério Miranda de Almeida, indicado nas referências deste trabalho.

A primeira questão que Vargas enfrenta é o que ele próprio denomina de “anacronismo controlado”. Ao ler Kierkegaard sob a ótica do niilismo — um conceito que só seria formulado explicitamente por Nietzsche —, Vargas corre o risco, mesmo que de forma consciente, de projetar preocupações do século XX em um pensador do século XIX. Alguns estudiosos mais tradicionais poderiam argumentar que, embora Kierkegaard tenha de fato abordado questões como o vazio e a angústia, interpretá-las dentro da perspectiva do niilismo pode reduzir a complexidade de sua obra, que, apesar de sua forte dimensão existencial, não se limita à análise filosófico-teológica, tampouco à perspectiva teológica de forma exclusiva.

A segunda crítica possível refere-se ao estilo híbrido adotado por Vargas. A oscilação entre o registro acadêmico rígido, digressões literárias e elementos autobiográficos — embora espelhe o próprio método de Kierkegaard — pode causar certa desorientação em leitores não familiarizados. A obra exige do público não só conhecimento sobre Kierkegaard, como também uma apreensão da tradição filosófica e literária mobilizada por Jean Vargas, desde os românticos alemães até as referências atuais. Essa densidade, embora enriquecedora, pode limitar o acesso ao livro a círculos mais especializados.

No entanto, é importante ressaltar que essas possíveis limitações não comprometem as contribuições originais da obra. Pelo contrário: o “anacronismo controlado” de Vargas pode ser visto como produtivo, alinhado à tradição hermenêutica, que defende a inevitabilidade de uma interpretação contextualizada. Como o próprio Kierkegaard sugeria, às vezes, é necessário mergulhar em uma perspectiva para depois poder contrastá-la com outras.

Vários modos de dizer o nada se configura, assim, como uma obra de fronteira: entre o estudo histórico e a intervenção filosófica contemporânea, entre a exegese cuidadosa e a criação conceitual, entre a análise acadêmica e o ensaio literário. Nessa capacidade de habitar os entre-lugares reside talvez sua maior força — e seu potencial de influência duradoura.

Referências

- ALMEIDA, R. M. de. Søren Kierkegaard: a mediação e o paradoxo do “salto da fé”. *Dissertatio, [S. l]*, v. 50, p. 363-382, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/article/view/11908>. Acesso em: 2 abr. 2025.
- FARAGO, F. *Compreender Kierkegaard*. 3. ed Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes; São Paulo: São Francisco, 2010.

KIERKEGAARD, S. *Sobre o conceito de ironia*: constantemente referido a Sócrates. 3. ed. Apresentação e Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petropólis: Vozes, 1991.

PECORARO, R. *Nihilismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

VARGAS, J. *Vários modos de dizer o nada: Kierkegaard e os caminhos do caos*. São Paulo: Dialética, 2024.

SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Tradução de Millôr Fernandes. [S. l.]: L&PM; Edição de bolso, 1997.

VARGAS, J. S. *Vários modos de dizer o nada: as figuras niilistas de Kierkegaard entre a filosofia e a literatura*. 2021. Tese (Doutorado em Filosofia) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/50239>. Acesso em: 2 abr. 2025.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro e pela concessão da bolsa de estudos que tornou possível a realização deste trabalho.

Recebido em: 04/04/2025

Aceito em: 02/12/2025